

[ homenagem ]

---

### **Jaime, um livreiro (1924-1999)**

Quando entrei na faculdade ele já era uma das figuras mais conhecidas, com sua mala de couro, postado em frente ao armário metálico abarrotado de livros. Estava ligado a nós desde os tempos da Maria Antônia. Era um veterano. Sem qualquer estardalhaço tornou-se discretamente necessário, sempre dado ao comércio dos livros e da amizade. Fazia parte da nossa paisagem moral: um grande livreiro, uma boa pessoa.

Ultimamente conversando com amigos ninguém soube precisar quando Jaime Marcelino Gomes passou à condição de Seu Jaime. Em vez do protocolar “Sr.” todos optaram por esta segunda forma de tratamento, mescla de informalidade e cortesia: Jaime, a seu dispor. Talvez, a disponibilidade para o outro tenha sido um dos principais traços de sua personalidade. A dificuldade de encontrarmos uma obra há muito esgotada tornava-se para ele uma obsessão pessoal: era um pesquisador infatigável, um bibliotecário em período integral, um detetive de faro apurado. Ao contrário da maioria dos livreiros, mesmo quando sabia do nosso extremo interesse em determinado livro, jamais enfiava a faca. Mas deixava brilhar uma ponta de orgulho: o gume afiado da satisfação profissional. Nenhuma vantagem financeira poderia substituir a sensação de que ainda era o melhor.

Todas as manhãs desembarcava com sua frota de livros. Era pontual, polido, civilizado. A abertura do armário correspondia a um verdadeiro ritual: formávamos uma roda de amigos e – em meio a encomendas, confidências e discussões – com um olho namorávamos os livros expostos na mesinha, com o outro, namorávamos as meninas no doce balanço a caminho das aulas. Os alunos atuais, habituados a freqüentar as novas livrarias e navegar na biblioteca, desconhecem a importância da sociabilidade irradiada pelo velho livreiro. Ela transcendia os encontros pelos corredores da faculdade. Vinha logo um convite para, no

final de semana, garimpar raridades na livraria que mantinha nos fundos de sua casa, no Bosque da Saúde. Para ele, nascido na Ilha da Madeira, o silêncio era uma forma de sabedoria. Depois de nos conduzir casa adentro, nos deixava lá longe, vagando na quietude do pensamento. Quando começava a escurecer, servia um bom vinho do porto e, pouco a pouco, nos trazia de volta à praia da conversa.

Recordo-me perfeitamente da última vez que o vi. Estava encostado na parede, desenrolando num caderninho os fios de alta voltagem de sua caligrafia. Quase um cacoete, levou as mãos à cabeça e, deslizando-as lentamente para trás, alisou os cabelos grisalhos. Sob a máscara de português casmurro, levemente irritadiço, escondia-se uma alma dada a misteriosas navegações. Todo fim de ano costumava viajar para Portugal. Também cultivava um grande carinho pelo Rio de Janeiro, e relatava com prazer suas peregrinações pelos sebos. Era um ser reservado, quase recôndito. Até o sorriso era esquivo. O sotaque, atrás os montes da serra torácica, vinha pigarreado e desaguava no ar. Certamente muitos o conheceram melhor do que eu, entre eles, Hélio Lopes, autor de *Claudio, o lírico de Nise* (1975), um dos três títulos publicados pela Livraria e Editora Fernando Pessoa, que pertencia a Seu Jaime.

Descubro que pessoas assim, como os livros, vão se tornando raras e cada vez mais difíceis de encontrar. Passei manhãs e tardes inteiras conversando com Seu Jaime. Tempos que a memória agora folheia. Tenho um vago sentimento de gratidão. Alguma coisa na sua figura maciça, limpa e respeitável me comove. Esse velho livreiro, "cum saber só de experiências feito" nos fará muita falta. A notícia de sua morte chegou no final de dezembro. A indesejada não tira férias.

*Augusto Massi*